



GRANDE REPORTAGEM | VINHA

VINHA MODERNA Planeamento tem de ser (ainda) mais eficaz

Vinha e História de Portugal confundem-se em vários momentos porque uma não se faz sem a outra e não é por acaso que é no nosso país que existe a Região Demarcada mais antiga do mundo, o Douro. Aliás, nesta região a vinha e o vinho continuam a ser pilar dominante da economia, sendo a região vitícola do país em que a vinha tem mais peso na superfície agrícola utilizada – 50,2% contra 4,8% da média nacional (Instituto dos Vinhos do Douro e Porto).

Mas não é só no Douro que a vinha é uma cultura expressiva, no Alentejo por exemplo a área mais que duplicou desde 1989, tendo mesmo crescido 1,3% de 2015 para 2016.

Em termos globais a área nacional de vinha tem vindo a diminuir nos últimos anos e, se em 2008 o registo era de 236 928 hectares, em 2016 eram 190 467 (IVV). Usando o mesmo período de referência constata-se que, embora com um decréscimo de área (69 127 hectares em 2008 e 57 147 em 2016), a região de Trás-os-Montes, Douro e Porto continua a ter a maior percentagem de área a nível nacional (30%). No Alentejo, a segunda região com maior área do país, em 2008 a vinha ocupava 23 089 hectares enquanto que em 2016 tinha crescido para 23 375 (+2,6%).

Sendo uma cultura condicionada cuja gestão da área plantada é efetuada mediante um conjunto de regras, definidas em legislação, quer nacional, quer comunitária, a cultura da vinha tem hoje em dia muitos outros desafios. Na linha da frente surgem as alterações climáticas, que têm obrigado à investigação sobre a melhor forma de contornar os efeitos, de preferência prevenindo-os. É do conhecimento público que praticamente todos os anos há fenómenos, como quedas de granizo que em poucos minutos ou horas conseguem arruinar a cultura, mas também as oscilações de temperatura

propiciando doenças que não eram comuns em determinados momentos e mesmo novas pragas e doenças que se vão instalando.

Conforme nos explicam os investigadores Helder Fraga e João Santos do CITAB/UTAD (Centro de Investigação e Tecnologias Agroambientais e Biológicas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), os mais recentes estudos apontam para um aumento da temperatura durante o ciclo vegetativo da videira até cerca de 3,5°C até 2070. Este aumento pode fazer com que muitas das regiões produtoras vinho em Portugal passem a ter condições para uma maturação muito mais rápida, com consequências na qualidade e na tipicidade dos vinhos. Outro aspeto negativo será a diminuição da disponibilidade hídrica, visto que a baixa precipitação nestas regiões irá impedir que se dê a reposição completa de água no solo durante o período de inverno, resultando numa quebra da produção no ano seguinte.

Especialistas no tema, afirmam existir algumas medidas de adaptação/mitigação para minimizar o impacto do aumento da temperatura e secura projetadas para o futuro. Uma das medidas mais importantes será o desenvolvimento de estratégias de gestão eficiente do uso da água. “Neste sentido, técnicas de rega deficitária controlada, podem otimizar o uso da água, que é bastante escassa na época estival. Existem muitas outras medidas relativas ao sistema de condução da vinha, como por exemplo vinhas com troncos mais baixos, poderão ser usadas como medidas de adaptação às alterações climáticas. Existem ainda outras medidas, mais de longo prazo, como por exemplo a implementação de castas e porta enxertos mais resistentes à seca”.

À nossa questão de como é que os viticultores podem (ou devem) precaver-se, a resposta é que em primeiro lugar é

“As explorações vitivinícolas com estratégias sólidas de gestão estarão melhor preparadas para adotar medidas de adaptação contra impactos negativos do clima futuro

necessário que os viticultores estejam a par destes estudos. As explorações vitivinícolas com estratégias sólidas de gestão estarão melhor preparadas para adotar medidas de adaptação contra impactos negativos do clima futuro. Em Portugal, é frequente verificar-se o cultivo da vinha em zonas já muito >>



190 722 ha

de área total de vinha
em Portugal Continental

30 800

candidaturas pagas ao longo
dos 16 anos de vigência do Vitis

65 000 ha

reestruturados ao longo
dos 16 anos de vigência
do Vitis

625 milhões de euros

pagos ao longo dos 16 anos de vigência
do Vitis

40 milhões de euros

dotação financeira Vitis
2017-2018

2914

candidaturas ao Vitis
2017-2018

727 milhões euros

valor da exportação
nacional de vinhos

Pub.

SoloFol

Fungicida para escoriose e míldio da videira

SOLOFOL é um Fungicida de contacto para escoriose e míldio da videira com ação preventiva.

O folpete é uma substância ativa da família das ftalimidas com modo de ação multi-sítio e ação ao nível da inibição do processo respiratório celular, considerada com baixo risco de resistências.

SOLOFOL - fundamental no programa de gestão de resistências.

www.belchim.pt

BELCHIM
Crop Protection



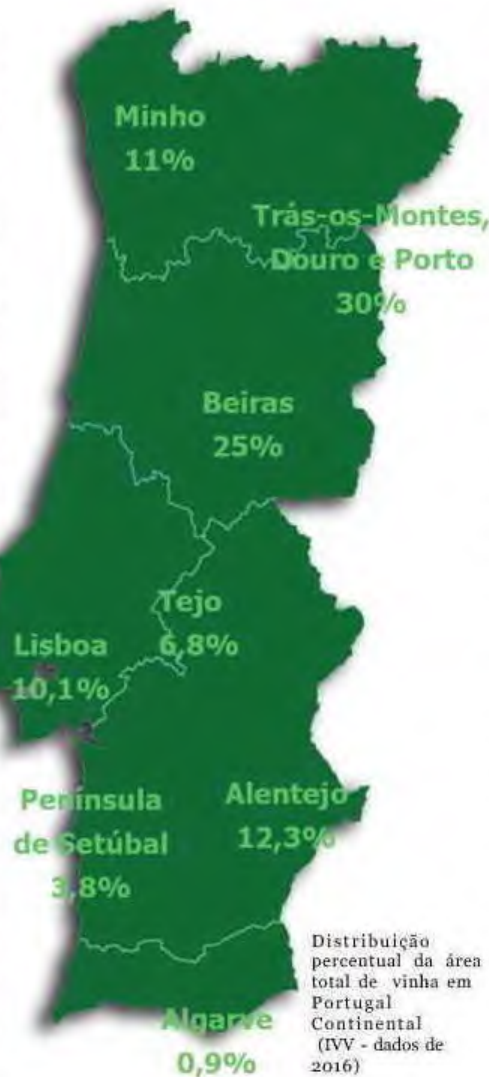
quentes e secas. Sendo assim é necessário um planeamento eficaz da vinha por parte dos viticultores no curto e no longo prazo, tendo em conta as projeções de intensificação do calor e secura.

A transferência de conhecimento é aliás um dos “cavalos de batalha” da ADVID - Associação para a Viticultura Duriense – que bem no seio da sua missão desenvolve a promoção da investigação e do desenvolvimento bem como da transferência desse mesmo conhecimento para os seus cerca de 180 associados no sentido de desenvolver a viticultura e de que os vinhos possam ter maior valor nos mercados nacionais e internacionais. Recentemente viu ser reconhecido oficialmente o seu projeto para constituição do Cluster da Vinha e do Vinho que potencia este compromisso à escala nacional (ver página 27).

Uma transferência de conhecimento mais eficiente pode dar contributo significativo

A própria UTAD, através da sua proximidade aos intervenientes no setor vitivinícola poderá ter um papel fundamental, promovendo a transferência de conhecimento. “Todas as medidas propostas potenciam uma maior sustentabilidade do setor vitivinícola em Portugal, como resposta às alterações climáticas, no entanto a aceitação da mudança por parte dos viticultores será sempre um fator fundamental na sua implementação”, rematam Helder Fraga e João Santos.

Portugal é um país que dispõe de um parque de castas autóctones particularmente rico, e indo ao encontro da proposta dos investigadores da UTAD que entre as medidas de adaptação para minimizar o impacto do aumento da temperatura e secura projetadas para o futuro apontam a implementação de castas e porta enxertos mais resistentes à seca,



é de referir o trabalho da Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira – PORVID. Em parceria com o Instituto Superior de Agronomia está a promover algumas estratégias experimentais

relativamente à adaptação das castas autóctones de videira às alterações climáticas.

No seio desse vasto trabalho está a casta mais utilizada em Portugal, “Aragonez”, cultivada principalmente no Douro e Alentejo e sensível ao calor e à falta de água. Para responder às insuficiências da casta, foi retomado um grande ensaio de seleção instalado em Reguengos de Monsaraz, contendo amostras de genótipos representativas da diversidade em distintas regiões de Portugal e de Espanha, perfazendo um total de 255 clones (ver página 26).

“Existe uma enorme margem de progressão nas áreas da inovação, da comercialização e do marketing, valorizando cada vez mais a imagem e a notoriedade dos nossos vinhos

Estes exemplos demonstram que o setor não está parado e está a preparar-se para o futuro, com uma viticultura mais moderna, mas ainda assim apresentando produtos (vinhos) genuínos em autênticos de grande qualidade que têm arrecadado os mais prestigiantes prémios em concursos mundiais e as melhores classificações nas revistas da especialidade. Mas, conforme nos sublinha o Secretário de Estado da Agricultura e Alimentação, Luís Medeiros Vieira, “é necessário valorizar mais os nossos vinhos, elevando o preço médio de exportação nos principais canais de distribuição internacionais. Existe uma enorme margem de progressão nas áreas da inovação, da comercialização e do marketing, valorizando cada vez mais a imagem e a notoriedade dos nossos vinhos – são esses os principais desafios do setor, a par, naturalmente, do trabalho continuado de reestruturação das vinhas apoiada pelo VITIS, elemento imprescindível para atingir os objetivos” (ver páginas 28 e 29).

Cooperação científica para adicionar valor ao vinho

A Escola Superior de Turismo de Tecnologia do Mar do Politécnico de Leiria (ESTM/IPLeiria) e a Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa formalizaram um protocolo de cooperação técnica e científica que prevê o desenvolvimento de investigação especialmente no âmbito da engenharia alimentar, e a realização de estágios. Para Paulo Almeida, diretor da ESTM/IPLeiria, trata-se de uma oportunidade, “um desafio para colaborar em projetos de criação de novos produtos que resultem do vinho, adicionar valor ao próprio produto, ou até mesmo para colaborar na definição de rotas turísticas para valorizar o património da região ligado ao vinho”.



Vasco d'Áviliez, André Teodoro, Paulo Almeida, Rui Ganhão e Sérgio Araújo em nome das instituições envolvidas



Adaptação das castas autóctones de videira às alterações climáticas: estratégias experimentais em curso

Portugal dispõe de um parque de castas autóctones particularmente rico (em número da ordem de 250), de elevada qualidade e em grande parte exclusivo, circunstâncias que concorrem notoriamente não só para a diferenciação e competitividade dos vinhos, como também para a sustentabilidade do sector, decorrente das múltiplas opções disponíveis quanto às plantas mais adaptadas às mudanças climáticas e tecnológicas e às impostas pelos consumidores. Este quadro favorável é ainda fortemente potenciado pela ampla diversidade genética intravarietal (dentro da casta) e pelas estratégias que temos vindo a seguir para a capitalizar em favor da referida adaptação a múltiplos contextos vitícolas. Essas estratégias assentam em duas abordagens principais: (1) prospecção e conservação de grandes amostras de genótipos representativas da diversidade de cada casta e (2) avaliação desses genótipos quanto a várias características de interesse, com separação das componentes aleatória (não herdável) e genética (herdável) dos respectivos valores observados.

Estão construídos os alicerces para a defesa da diversidade intravarietal das nossas castas e criadas as condições para as moldar (por via da selecção) no sentido da sua adaptação à mudança e, em particular, às alterações climáticas

De acordo com essa estratégia, cerca de 30 000 genótipos de mais de 200 castas estão já conservados. Aproximadamente 15000 encontram-se em ensaios de campo e em vasos no Pólo Experimental de Conservação (Figuras 1 e 2), da Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira (PORVID), e outros 15000 em ensaios de campo distribuídos por todo o país. Isto é, estão assim construídos os alicerces para a defesa da diversidade intravarietal das nossas castas e criadas as condições para as moldar (por via da selecção) no sentido da sua adaptação à mudança e, em particular, às alterações climáticas, que ameaçam mudar a localização geográfica das vinhas para maiores altitudes e para latitudes elevadas. De modo a evitar alterações culturais tão drásticas, usando as ferramentas que temos disponíveis, como é o caso das selecções intravarietais, podemos recorrer a pequenas intervenções mais conservadoras das tradições e dos equilíbrios ambientais e sociais do passado.



Figura 1 – Conservação em vasos da variabilidade genética intravarietal de mais de 200 castas no Pólo Experimental de Conservação da Diversidade da Videiras da PORVID, em Pegões



Figura 2 – Pormenor da conservação em vasos na PORVID, cada genótipo representado por 4 plantas

Uma estratégia desse tipo é bem ilustrada pelo trabalho inovador que temos em curso para a selecção de genótipos de Aragonez menos sensíveis ao calor e à secura. Esta casta, a mais cultivada em Portugal, é uma casta tinta originária de Espanha e cultivada principalmente no Douro e Alentejo e que é sensível ao calor e à falta de água. É uma casta com elevado vigor e que desenvolve folhas muito grandes, o que a leva a perder água facilmente. Quando em stresse severo, perde as folhas basais, o que expõe os cachos e diminui drasticamente a acidez das uvas, prejudicando a qualidade dos vinhos produzidos.

Para responder às referidas insuficiências da casta, foi retomado um grande ensaio de selecção instalado em Reguengos de Monsaraz, contendo amostras de genótipos representativas da diversidade em distintas regiões de Portugal e de Espanha, perfazendo um total de 255 clones. Foi testado um método inovador de selecção para tolerância ao stresse ambiental baseado em medições de



Figura 3 – Medição da temperatura das folhas num ensaio de selecção de Aragonez instalado em Reguengos de Monsaraz

temperatura das folhas (Figura 3), um indicador verosímil de como a planta está a reagir ao ambiente, pois algumas têm maior capacidade do que outras para controlar a transpiração (perda de água), sendo mais tolerantes. Os resultados até agora obtidos, ainda que preliminares, revelaram a existência de variabilidade intravarietal desta característica, tendo-se encontrado em anos de maior stresse uma diferença de temperatura foliar devida apenas a causas genéticas, na ordem dos 4,5°C, uma diferença que já tem significado na diminuição da capacidade produtiva da planta, e consequentemente na qualidade das uvas obtidas. Vários clones que combinam uma tolerância às novas condições climáticas mas que mantêm as características de qualidade típicas da casta foram já identificados com vista à sua utilização futura.

Autoria:

Elsa Gonçalves^{1,2}, Luísa Carvalho¹, Carlos Lopes¹, Sara Amâncio¹ e Antero Martins^{1,2}

¹LEAF, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa.

²Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira (PORVID), Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa.

Escrito no âmbito do anterior Acordo Ortográfico



Cluster da Vinha e do Vinho vai fazer chegar mais conhecimento ao produtor

Muito mais moderna em sentido lato, mas sem ter perdido a identidade, é assim que Rosa Amador, diretora geral da Associação para a Viticultura Duriense – ADVID - define de uma forma muito rápida a viticultura duriense. Hoje há muito mais conhecimento e preocupação com a sustentabilidade em todas as suas vertentes do que havia há 20 ou 30 anos atrás, para o que contribuíram vários factores, a UTAD e a fixação de técnicos qualificados, a ADVID e o reconhecimento do Cluster dos Vinhos da Região do Douro, a classificação do Douro como Património Mundial, a legislação, os apoios financeiros nomeadamente na reestruturação da vinha, o aparecimento de novos produtores, a exigência dos mercados, entre outros. Um conjunto de circunstâncias que deu “um empurrão” à transformação da vinha e consequentemente do próprio produto final. Recorde-se que era uma região reconhecida apenas pelo vinho do “Porto” e só a partir da década de 90 é que a Denominação “Douro” ganhou dimensão. Vinhos, Porto e Douro, que têm obtido excelentes classificações em concursos e em publicações internacionais de especialidade.

É neste contexto que a Associação desenvolve a sua atividade de promoção da investigação e do desenvolvimento bem como da transferência desse mesmo conhecimento para os seus cerca de 180 associados (desde pequenos a grandes produtores) no sentido de desenvolver a viticultura e de que os vinhos possam ter maior valor nos mercados nacionais e internacionais.

Viticultura duriense está mais tecnológica mas não perdeu identidade

Nesta região a viticultura está mais tecnológica mas Rosa Amador defende que tal tem acontecido sem perda da identidade. “Tem havido um grande dinamismo no que diz respeito à reestruturação da vinha no sentido de diminuir custos de produção e aumentar produtividades, estratégia que nos últimos 30 anos já contemplou metade da área”. Mas, lado a lado com a tendência para



Rosa Amador, diretora geral da Associação para a Viticultura Duriense - ADVID

progredir (que tem de continuar) esteve sempre a tendência para preservar: “mantiveram-se os muros, tem havido maior preocupação com as questões ambientais e sociais, com a diminuição de utilização de fitofármacos, a escolha da produção integrada, o fomento da biodiversidade, a preservação das castas autóctones (...)”. Foi esta tendência de preservação que permitiu a classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial, na categoria de paisagem cultural evolutiva e viva.

A diretora da ADVID recorda que o grande movimento para a biodiversidade e a preservação da estabilidade das encostas, se desenvolveu após as intempéries registadas na região em 2001, coincidindo com a elevação da região a Património Mundial. Desde essa altura, esta tem sido uma das principais linha de pensamento na região, onde se enquadram também as preocupações quanto às implicações que as alterações climáticas podem trazer à região, e outras, não esquecendo que a viticultura é a principal atividade económica da região.

Produtores estão preocupados com as alterações do clima

Já em 2011 a ADVID contratou um prestigiado investigador americano para fazer um estudo sobre o tema, que resultou na publicação de um livro com projeções climáticas para 2020,

2050, 2080 em três cenários diferentes de efeitos de gases de estufa. Rosa Amador reconhece que as empresas estão preocupadas em relação ao tema, e têm investido, nomeadamente no estudo das castas e outras alternativas sustentáveis, para de alguma forma mitigar os efeitos das alterações climáticas.

E para trabalhar sobre os temas referidos e muitos outros importantes para o desenvolvimento da viticultura nacional a ADVIV viu recentemente ser reconhecido oficialmente o seu projeto para constituição do Cluster da Vinha e do Vinho. O objetivo é o de continuar a desenvolver um trabalho em cooperação, no sentido de promover a investigação e o desenvolvimento e com a missão da transferência de conhecimento para as empresas, e para os produtores, de modo a que possa acrescentar valor ao produto final que é o vinho e fomentar a sustentabilidade da vitivinicultura no país. Ou seja, é produzida muita informação, é necessário continuar a investigar, mas é imperioso que essa informação seja sistematizada e organizada para que possa chegar ao produtor e que seja desenvolvida para fazer face às suas necessidades. “Há muitas questões a estudar como a mecanização da viticultura de montanha, a implementação da viticultura de precisão e só dentro do tema das alterações climáticas há um sem fim de questões a responder”.

Para além das ações de internacionalização do vinho, a cargo das entidades competentes, como a ViniPortugal e o IVDP, no plano de ação do Cluster da Vinha e do Vinho prevê-se que as universidades e centros tecnológicos desenvolvam investigação isoladamente ou em parceria com as empresas, quer no que diz respeito às castas, aos impactos das alterações climáticas, à mecanização, sustentabilidade ambiental, enologia (...). A ADVID promoverá esta investigação, a cooperação, a inter-clusterização e desenvolverá as atividades relacionadas com a transferência de conhecimento através da promoção de ações de formação, seminários, dias abertos, catálogos, plataformas (...).



“Temos, indiscutivelmente, 1 no mundo vitícola”

O panorama vitivinícola nacional não para de mudar e para tal muito tem contribuído o Programa Vitis. Quando decorre a análise das candidaturas para a campanha 2017-2018 ficamos a saber que foram apresentadas 2 914 candidaturas, para uma área a reestruturar de 5 252 hectares.

O Regime de Apoio à Reestruturação e Reconversão de vinhas, comumente designado Programa VITIS, vigora em Portugal desde agosto de 2000, contando já com 16 anos de execução.

As medidas relativas à reestruturação e à reconversão de vinhas apoiam o investimento na qualidade e modernização das vinhas, tendo em vista a produção de uvas para vinho que satisfaçam as condições de produção de vinho com denominação de origem (DO) ou com indicação geográfica (IG).

Enquanto membro do Governo, o Secretário de Estado da Agricultura e Alimentação, Luís Medeiros Vieira diz ter tido o privilégio de estar na origem e atualmente continuar a acompanhar a execução deste programa considerando que esta é, muito provavelmente, a medida com mais sucesso da agricultura portuguesa.

Fala em sucesso quando se refere às 30.800 candidaturas pagas ao longo dos 16 anos de vigência do Programa, a que corresponde uma área reestruturada de 65 mil hectares e um apoio a fundo perdido de mais de 625 milhões de euros. Ao abrigo deste regime reestruturou-se 34 % da superfície vitivinícola nacional, “o que é verdadeiramente notável e elucidativo da dinâmica empreendedora deste setor”. Assim, à nossa questão sobre a avaliação que faz do Programa, a resposta do Governante é obviamente muito positiva, “porque ele está na origem da mudança da viticultura portuguesa, que é hoje mais profissionalizada e mais inovadora”.

A campanha 2017-2018 (VITIS) evidenciou uma adesão muito significativa

Segundo os números avançados à nossa reportagem, foram apresentadas 2 914 candidaturas, para uma área a reestruturar de 5252 hectares, a que está associada uma ajuda potencial de 83 milhões de euros. Como habitualmente, as intenções de investimento estão fortemente concentradas na área de influência da Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, correspondendo estas a 71% das candidaturas apresentadas. Nesta fase, as candidaturas submetidas estão a ser analisadas, sendo decididas até 30 de abril, com comunicação aos candidatos até 15 de maio de 2017.

Para esta campanha o Programa está dotado



Luís Medeiros Vieira, Secretário de Estado da Agricultura e Alimentação

em 40 milhões e, de acordo com Luís Vieira, vêm reforçar a política seguida desde 2000, e que é parcialmente responsável pelo percurso de sucesso do setor. “Traduzem a aposta do Governo na modernização, no reforço da competitividade do setor vitivinícola e da sua vocação exportadora, bem patente nos certames internacionais. Este reforço da dotação que resulta da negociação promovida pelo Governo para prolongar o VITIS até 2020, é também um contributo para manter os ritmos de crescimento das exportações e atingir o objetivo definido pelo Governo de equilibrar a nossa balança comercial agroalimentar, em valor”.

A este respeito o Secretário de Estado faz questão de sublinhar o importante papel da *Wines of Portugal*, que é a marca “chapéu” e a imagem, por excelência, dos vinhos portugueses no mundo. “O vinho português está progressivamente a afirmar-se no mercado internacional com produtos únicos e diferenciados, baseados numa trilogia que assente no clima, na diversidade e singularidade

das castas e nos seus *terroirs*, a que se associa uma qualidade muito consistente e uma excelente relação qualidade-preço. Esta qualidade é crescentemente reconhecida pelos principais rankings internacionais, promovidos pela WINE SPECTATOR e pela WINE ADVOCATE. O resultado está à vista - as exportações de vinho registaram uma evolução muito significativa nos últimos anos (ver indicadores).

Os resultados alcançados decorrem da conjugação virtuosa entre operadores com ambição e com uma forte orientação exportadora, uma promoção coordenada pela VINI PORTUGAL, e políticas públicas ativas que assentam num trabalho técnico aturado, por vezes invisível, nas iniciativas políticas junto dos mercados relevantes e na diplomacia económica, elementos enquadramentos da estratégia de internacionalização do setor agroalimentar fixada pelo Governo.

Volume de recursos financeiros posto à disposição pelo VITIS teve uma influência decisiva no percurso de sucesso do setor do vinho

Para o Governante é importante realçar que temos um núcleo cada vez mais alargado de empresas com um conhecimento profundo do mercado global e das oportunidades, com uma presença crescente e qualificada nos grandes certames internacionais. A este propósito destaca a importante presença de Portugal na PROWEIN 2017 (uma das principais feiras mundiais e o maior evento no setor vitivinícola na Europa, realizada em Dusseldorf, na Alemanha), que teve lugar em março, tendo registado a notável adesão de 364 produtores/empresas portuguesas. Portugal foi o 5.º país com maior representação no certame.

Considera que o volume significativo de recursos financeiros postos à disposição dos viticultores pelo programa VITIS teve uma influência decisiva no percurso de sucesso que o setor do vinho trilhou. “Temos, indiscutivelmente, um lugar de relevância no mundo vitícola e vamos continuar a trabalhar em estreita cooperação com os operadores para reforçar essa posição”.

À nossa pergunta se o Programa é para continuar no futuro responde afirmativamente sem qualquer dúvida. “Neste momento está



um lugar de relevo

INDICADORES:

Portugal exporta 2,77 milhões de hectolitros de vinho, que correspondem a 727 milhões de euros;

39% da produção nacional de vinho é exportada;

Exportamos para 142 países (27 da Europa comunitária e 115 países terceiros);

Portugal ocupa a 12.º posição no ranking de países produtores de vinho a nível mundial e o 9.º no ranking do comércio mundial do vinho.

em curso o Programa 2014 a 2018, tendo já sido recentemente aprovado, pelo Regulamento de Execução (UE) 2017/256 da Comissão, de 14 de fevereiro de 2017, um

novo Programa de apoio quinquenal, para os exercícios financeiros de 2019 a 2023. A este propósito devo destacar que foi por iniciativa deste Governo que foi negociado com a União Europeia o prolongamento do Programa até 2023, com dotação conhecida até 2020. Caso não existisse essa negociação, não só não poderíamos abrir candidaturas até 2018, como não teríamos verba para pagar os compromissos que o anterior Governo tinha assumido”.

É para ter continuidade também a medida de Promoção de Vinhos em Mercados de Países Terceiros, apoiada anualmente com 10 milhões de euros e que tem enquadrado de forma exemplar participação das empresas portuguesas nos certames e concursos internacionais. “Destaco a participação, em fevereiro deste ano, de 694 vinhos portugueses a concurso no Mundus Vini – considerado um dos maiores e mais reconhecidos eventos do mundo sobre vinhos – em que 44% dos vinhos nacionais apresentados foram distinguidos pelo júri, alguns com a Grand Gold”.

Em conclusão, e aos olhos do Secretário

de Estado da Agricultura e Alimentação “Portugal oferece castas autóctones, produtos genuínos e autênticos, com uma qualidade internacionalmente reconhecida, apresentando simultaneamente uma grande diversidade, para diferentes segmentos de mercado. Mas esta trajetória de sucesso, com níveis de exportação relevantes, só foi possível, por um lado, pelas políticas inovadoras nos processos e nos produtos e, por outro, pelo trabalho empenhado dos nossos enólogos. Estou portanto convicto, de que o mercado internacional vai continuar a apresentar grandes oportunidades para os vinhos portugueses. Mas é necessário valorizar mais os nossos vinhos, elevando o preço médio de exportação nos principais canais de distribuição internacionais. Existe uma enorme margem de progressão nas áreas da inovação, da comercialização e do marketing, valorizando cada vez mais a imagem e a notoriedade dos nossos vinhos – são esses os principais desafios do setor, a par, naturalmente, do trabalho continuado de reestruturação das vinhas apoiada pelo VITIS, elemento imprescindível para atingir os objetivos”.

CVR procura dar notoriedade aos vinhos do Tejo em mercados estratégicos

A Comissão Vitivinícola Regional do Tejo - CVRTEJO tem por missão a supervisão, certificação, controlo e promoção da Região do Tejo e dos seus Vinhos, ajudando os produtores a aumentarem a respetiva presença nos mercados definidos como estratégicos pelo Estudo Estratégico efetuado em 2015 e cuja implementação está a ser levada a cabo.

Sendo a CVR a Entidade responsável pela Certificação dos Vinhos da Região está a recorrer aos mais diversos fundos Europeus de apoio à Promoção que existem, facultando assim a possibilidade a todos os seus associados poderem estar presentes nos eventos promocionais que a mesma está a levar a efeito nos diversos mercados estratégicos internacionais. Mercados que, para além de Portugal são os EUA, a Alemanha, o Reino Unido, a China, a Polónia e o Brasil. Com as diferentes ações planeadas para cada um deles procura-se não só o crescimento de volume mas também de preço médio e ao mesmo tempo proporcionar um aumento da notoriedade da região e dos seus vinhos. 2017 é o segundo ano da implementação desse Estudo Estratégico



Durante última Gala dos Vinhos do Tejo foram divulgados e entregues os prémios do VIII Concurso de Vinhos Engarrafados do Tejo e do Tejo Gourmet 2016, bem como os prémios Empresa Dinamismo, Empresa Excelência, Enólogo do Ano e o Prémio Carreira, este último atribuído pela primeira vez

tendo em 2016 sido largamente ultrapassados os objetivos iniciais, quer para os mercados estratégicos quer na exportação em geral. Registe-se que durante 2016 os produtores de vinho na Região do Tejo viram os seus vinhos serem galardoados nacional e internacionalmente nas inúmeras competições onde participaram.

“Atualmente são cerca de 80 os produtores privados e Adeegas Cooperativas Associados

desta CVR, considerando apenas os que certificam os seus vinhos e que infelizmente ainda representam apenas cerca de 40% do vinho produzido nesta região”, explica Luís de Castro, presidente da CVR Tejo, aspirando ao mesmo tempo que esta situação continue a alterar-se, o que dará mais notoriedade a esta região vitivinícola, permitindo aos seus agentes económicos venderem melhor os seus produtos.

Em Portugal a CVR Tejo promove anualmente o “Concurso dos Vinhos do Tejo” e o “Tejo Gourmet”, cujos prémios são distribuídos na “Gala dos Vinhos do Tejo”, e está presente ao longo do ano, com os seus Produtores, nos mais diversos certames de promoção de vinhos. Aposta ainda, de forma continuada, na formação e no talento de jovens profissionais do setor da Hotelaria, Restauração e Bebidas através de formações conduzidas por membros integrantes da Comissão como o Enólogo consultor da CVR Tejo, o Engenheiro Mário Louro e também através da participação dos produtores da região juntamente com os seus vinhos.

Nota: Foram contactadas todas as Comissões Regionais Vitivinícolas mas apenas a CVR Tejo nos respondeu em tempo útil.



Vinhos diferentes sustentam a assinatura *Wines of Portugal*

A ViniPortugal é a Associação Interprofissional do setor Vitivinícola e a entidade gestora da marca *Wines of Portugal* e tem como grande objetivo a promoção da imagem de Portugal enquanto produtor de vinhos por excelência. Jorge Monteiro está na presidência da Associação desde 2011 e traça-nos o perfil de um setor que em 2016 exportou 727 milhões de euros.

Que retrato faz do setor vitivinícola português. Que evolução teve nos últimos anos?

Em breves traços o setor vitivinícola Português, e segundo dados do IVV, representa mais de 60 mil agentes económicos que exploram cerca de 200 mil hectares de área plantada, produzindo entre 6 e 7 milhões de hectolitros anuais, com aproximadamente 1 200 operadores que comercializam 1 500 milhões de euros, dos quais 40 a 45% são exportados, representando 50% do valor do setor.

Se em 2009 Portugal exportou 590 milhões esse valor em 2016 foi de 727 milhões, um crescimento de 23% em 6 anos. Daquele valor cerca de 90% corresponde a vinho engarrafado, sendo o granel residual. Noutra perspectiva em 2016, cerca de 60% das exportações tiveram como destino a União Europeia. No espaço comunitário os licorosos, Porto e Madeira, dominaram representando 60% mas já nos Países Terceiros os Vinhos de Mesa representaram 75% do valor das exportações.

Com a crise económica em Angola que se traduziu numa brutal perda de 63 milhões de euros nas exportações o setor do vinho deu um claro sinal de maturidade e resiliência tendo sido capaz de encontrar mercados alternativos. Hoje, tendo como principal destino o mercado americano, o setor acredita que o futuro será melhor que o presente!

Que impacto têm tido as mudanças que verificadas na vinha (alterações climáticas, novas castas, novas tecnologias ...) ao nível do produto final?

Sobre as alterações climáticas diria que há fenómenos que influenciam a produção, afetando os volumes, consequência de períodos de seca prolongados ou de fenómenos intempestivos que em minutos (granizo) ou horas (chuvas torrenciais) afetam a produção. Mais do que aquecimento salientaria a variabilidade do clima. Mas não creio que tenha impacto na qualidade do produto, tendo sim impacto nos custos de produção. De notar que os longos períodos de estio, obrigando ao recurso a rega podem permitir mesmo um melhor controlo de processo. Mas a água serve para controlar processos assegurando normalidade na atividade das plantas não sendo instrumento para aumentar o volume.

Sobre a tecnologia, diria que Portugal já há



Jorge Monteiro, presidente da ViniPortugal

alguns anos que detem a melhor disponível no mercado. Não temos pior, nem melhor que a concorrência. Dispor de tecnologia não é uma vantagem competitiva. Não dispor é que poderia ser uma desvantagem. Na Vinha, na Adega, nas Salas de Prova ou nos Laboratórios de Controlo e Certificação estamos ao nível dos melhores. Finalmente sobre as castas. Não podemos dizer "novas castas" pois o que Portugal faz é sobretudo recuperar "velhas castas". A Touriga Nacional esteve quase desaparecida. A Baga e muitas outras por lá perto e o que assistimos hoje é um crescente interesse dos produtores pela produção de vinhos a partir dessas mesmas castas. Que por serem autóctones permitem a Portugal apresentar vinhos diferentes. Diferentes dos vinhos dos nossos concorrentes e com enorme diversidade interna. É esta a nossa vantagem comparativa e é nela que se sustenta a assinatura *Wines of Portugal, a world of difference*. Mas um vinho produzido com estas castas não tem melhor qualidade. O que estes vinhos proporcionam são experiências diferentes, novos aromas, novos sabores.

O que é que o setor vitivinícola hoje representa para a economia do país?

Não existindo ainda dados seguros sobre o consumo doméstico sabemos que em 2016 Portugal exportou 727 milhões de euros, o que poderá apontar para um valor total a preços

de saída de adega na ordem dos 1 500 milhões de euros. Aquele valor 727 milhões representa cerca de 1,5% do total de bens e serviços exportados pelo País em 2016, cerca de 4% da exportação de bens e cerca de 29% da exportação de bens alimentares. Longe, e felizmente, vão os tempos em que o vinho era o principal bem exportado.

Mas o vinho além de gerar valor pelas suas exportações tem um grande contributo para a imagem de Portugal. O vinho transporta consigo uma imagem de qualidade e associado à marca *Wines of Portugal* promove o reconhecimento internacional de Portugal como marca coletiva de qualidade.

Qual é a atual posição do Vinho Português no mundo? Como é visto?

Se tomarmos como referência o comércio internacional de vinho, em valor de exportações, Portugal ocupa o 9º lugar mas se tivermos em conta apenas o comércio de vinho engarrafado somos já o 8º ator mundial, logo a seguir à Nova Zelândia e seguido da Argentina. Este lugar é de uma enorme relevância pois enquanto produtor ocupamos hoje o 12º lugar. Ou seja, somos muito mais relevantes enquanto intervenientes no comércio internacional, sendo um pequeno produtor mundial. Mais relevante ainda pelo facto de termos vindo a subir na escala estando hoje à frente da Argentina. Do ponto de vista qualitativo somos cada vez mais vistos como um país que produz vinhos diferentes com uma excelente relação preço / qualidade.

Quais são os grandes projetos que a ViniPortugal tem delineados a curto e médio prazo?

O maior objetivo, qualitativo, é prosseguir com a promoção da imagem de PORTUGAL, enquanto produtor de vinhos por excelência, valorizando a marca "*Wines of Portugal*" e contribuindo para um crescimento sustentado do volume e do preço médio dos vinhos portugueses, assim como da sua diversidade. Esta é mesmo a missão da ViniPortugal. Focada na sua missão a ViniPortugal selecionou um conjunto de mercados, em regra os mais relevantes mercados mundiais, onde desenvolve o seu Plano de Marketing, com especial destaque para os Estados Unidos, Canadá, China, Japão, Brasil, Angola ou Suíça. Nestes mercados temos uma preocupação de criação de imagem sendo mais importante fazer crescer o valor e menos importante o volume.

REVISTA DO SETOR AGRÁRIO | N.º 203 | ABRIL, 2017 | MENSAL | PREÇO € 3,50
voz do campo

Science For A Better Life

TRAV. DO MATADOURO, BL.B, 2A, 6000-306 CASTELO BRANCO - PORTUGAL, TEL. +351 272 324 585, WWW.VOZDOCAMPO.PT



VINHA MODERNA

Planeamento mais eficaz



Soluções globais de gestão de rega



Pastagens e Forragens

